

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal — ALEXANDRE VIEIRA



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO IV — Número 1.175

Domingo 24 de Setembro de 1922

PREÇO — 10 CENTAVOS

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor — Carlos Maria Coelho

Redação, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Talhava-Lisboa * Telefone 5339-0

Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 115

O sentimento do proletariado revolucionário

"Enganar, roubar, oprimir, até que o engano, o roubo, a opressão tenham os seus resultados..."

Os doutos moralistas, turiferários desta rica prenda que se chama Capitalismo, acusam o proletariado revolucionário de estar vazio de sentimentalismo, tendo saído do quadro apático das belas miragens em esperanças vãs. Já não tem fé, já não tem crença, já não tem confiança nos velhos formalismos etiqueteiros dos misionismos governamentais e politicamente.

E, abolido o humildismo, contundido o respeito servil, desfeitos os dogmas das vasalagens que outrora se prestavam aos superiores donos das oficinas, das fábricas, das terras, do dinheiro, dos ministérios, dos mil espertos e confortos, o cabouqueiro, o trabalhador, insurge-se, revolta-se, agita-se, combina-se, solidariza-se para derruir, *de fond en comble*, toda esta estrutura burguesa e estatal, que o manete, a tortura, o espreme, o esmagam...

Penalisa-nos o estado de desconsideração a que chegam os plutoctatos imperadores dos assentamentos da produção, dos gêneros alimentares, das habitações, de tudo, enfim, que faz falta à humanidade em geral. Todavia, estancaram-se-nos o humor escremiento, o cloreto de sódium, o muco e o fosfato de cal que constituam as lágrimas dos nossos olhos. Em filosofia experimental, está averiguado que a constante observação dos mesmos fenômenos morais ou materiais faz diminuir a sensibilidade. A força de presenciar as misérias dos potentes, as cabriolices dos políticos, as preocupações usurárias e despóticas, roubalheiras e escandalosas do industrial, comerciante, capitalista e financeiro, perdem a dor que por eles sentimos, a veneração que por elas tinhamos: não podemos chorar. Apesar de gargalharmos, com vontade, quando pensamos que os exploradores julgam, para os seus botões, que já não levam o seu trambolhão mestre...

Sejamos fracos, porque a fraquezza esplode como um sol radiante. De facto, o proletariado vai deixando gradualmente, os seus simplismos metafísicos, ascendendo aceleradamente para o topo das praticabilidades. Inteiramente indubriado por todo o fio patife que lhe tem buzinado promessas de felicidade geral, ele voltou-se, irado, para a legião dos ratoneiros, tirânicos e duramente legalizados, e, distendendo o arco dos seus sofrimentos e das suas razões, despediu a flecha sentenciosa saída dum espírito Juvenaliano: *Acaso entre vós, existe ainda alguma face com pudor?* E modificando um pouco a célebre frase de Machiavel, pistoleiro: *Enganar, roubar, oprimir, até que o engano, o roubo, a opressão tenham os seus resultados...*

3.º Congresso Nacional da Construção Civil

Reuniu a comissão organizadora para ultimar os trabalhos preparatórios para o Congresso, resolvendo mais uma vez prevenir os delegados de Lisboa e arranjar que devem estar na sede da Federação pelas 20 horas, a fim de lhes serem distribuídos os bilhetes de embarque, devendo os delegados do Alentejo e Algarve embarcar no Setúbal, por ser difícil a aquisição de bilhetes em Lisboa. Os delegados do Norte devem partir com tempo suficiente de modo a estarem em Castelo Branco dia 20, dia em que se inicia os trabalhos do Congresso pelas 12 horas.

A fim de se tratar de assunto urgente que se prende com a realização do Congresso, reúnem hoje, pelas 12 horas, os delegados do Sindicato de Lisboa com a presença do respectivo secretário geral.

Trabalhadores: Lide e divulgue!

eis a vossa política, a vossa religião, a vossa moral, a vossa ciência...

O proletariado vai, sim, compreendendo que o ciclo mercantil e aburguesado, gerador de tantas calamidades sociais, tem de findar, como findaram outros tantos ciclos de monstruosidades teocráticas e feudalistas com que se tem construído a História dos velhos sofrimentos humanos. O mitológico deus *Terme* metamorfosar-se-há em realidade e colocará o seu marco limitativo com a seguinte inscrição: *Basta!*

O produtor escravizado vai reconhecendo que é ele, com todo o direito e justiça, que se seguirá na gestão social, compreendendo também que, para sair vitorioso e poder desempenhar cabalmente a missão histórica que lhe está confiada (a abolição das classes e organização do trabalho), tem de proceder progressiva e revolucionariamente conforme as circunstâncias, estreitando-se fraternalmente, solidarizando-se sindicalisticamente e comunhando coivamente nos sublimes princípios ideológicos de libertação humana em terra livre, para que o seu camartelo demolidor de o descomunal piparote nestas instituições capitalistas, argamassadas em sangue e lama, e para que, a seguir, seja colocado o seu guincho afim de guindar as buriladas pedras destinadas à construção do novo, sólido edifício societário, artística e esteticamente embelezado pelos ornamentos da igualdade, solidariedade, justiça, harmonia, respeito e direito mútuos.

A classe trabalhadora organizada e revolucionária quer instaurar uma civilização superior, onde tudo seja concreto e não artificioso, real e não abstracto, palpável e não incorpóreo; quer a radical transformação deste estado de coisas, porque a presente ordem social está chagada das mais cras...

Clemente Vieira dos SANTOS

C. G. T.

Comissão Organizadora do 3.º Congresso Operário Nacional

Tem continuado nos seus trabalhos o pró-Congresso Operário Nacional. Recebem mais adesões e um ofício dos rurais de Benavente, acompanhado de 40\$000, sendo 20\$000 pró-Batalha, e 20\$000 destinados a esta Comissão.

A Federação Metalúrgica e a Federação Rural, responderão à circular enviada às Federações, Uniões e Sindicatos Nacionais com 50\$00 cada.

A Comissão reúne amanhã, às 21 horas.

Aos camaradas da província

que desejem adquirir o livro que a comissão organizadora do Congresso acaba de editar «Organização Social Sindicalista» podem fazê-lo enviando a quantia de 2\$20 para lhes ser enviado pelo correio sob registo.

Trabalhadores: A NOVELA VERMELHA

CONFRATERIZAÇÃO OPERÁRIA

Realiza-se hoje o grande passeio fluvial da BATALHA à pitoresca vila do Seixal e à Barra — Uma grande festa presidida por uma ideia nobre . . .

Realiza-se hoje o passeio fluvial da Batalha que deve ser, com certeza, um dia de intensa e explêndida fraternização operária. Nesse passeio tomarão parte militantes e operários conscientes, que nas lutas sociais tem sabido afirmar revolucionariamente a sua vontade e que entendem que a Batalha não deve desaparecer a fim de que a obra de propaganda que ela vem desempenhando não seja interrompida. O passeio deve ser um magnífico recreio para os olhos e para o espírito. As duas margens do Tejo são encantadoras, dum paisagem plena de luz e de imprevisto, oferecendo um espetáculo natural dum encanto raro e penetrante que dispõe para a alegria. Para a alegria que deve imperar a bordo entre



SEIXAL — Vista geral

todos os excursionistas, cuja fraternidade é filiada na identidade das suas aspirações e dos seus destinos. São poucas, raras as ocasiões que o operariado tem para realizar umas horas de fraternal alegria, que lhe suavizem um pouco a realidade áspera da sua vida atroz, que o fortaleçam para novas lutas, novos sacrifícios.

A recepção aos excursionistas na pitoresca vila do Seixal pelo operariado da localidade deve revestir um aspecto de amistosa cordialidade, salpicado de manifestações dum vivo e espontânea fraternidade que nunca será esquecida por todos que nela tomem parte.

Reproduzimos a seguir o programa do passeio:

A's 7 e meia — Embarque no Cais do Sodré, nos barcos *Atalaia* e *Izabel*, os quais se dirigirão a Casilhas para receber a excelente Filarmónica Incrivel Almada e com percurso pela Barra em direção ao Seixal.

Chegada ao Seixal — Recepção aos excursionistas pelas crianças da escola ope-



SEIXAL — Praça da República

raria do Seixal, sendo em seguida dadas as boas-vindas num recinto próximo, onde se realizará uma sessão solene, em que farão uso da palavra alguns oradores do movimento operário.

No mesmo recinto os excursionistas realizarão um interessante *pic-nic*.

A's 15 horas — Espectáculo ao ar livre, pelo distinto Club Recreativo Os Choros, com a representação das seguintes peças sociais:

Vagabundo, drama em 1 acto; *Degenerados*, farça em 1 acto; *Despertando*, apropósito dramático social.

Trabalhos de ilusionismo po Ling Constant, Tomarão parte alguns cultores do fado.

A's 19 horas — Regresso dos excursionistas a Lisboa.

Durante o percurso serão vendidos por iniciativa da Associação Anti-Alcoólica Operária exemplares do folheto «Alcoolismo ou Revolução» revertendo cerca de 20% da sua venda em benefício da Batalha. Também será vendido um «Carnet de Pensamentos» em condições idênticas, por iniciativa do Centro de Estudos Sociais.

Bilhetes oferecidos

Vários camaradas tem-nos enviado bilhetes para serem vendidos novamente revertendo o produto da sua venda em auxílio de A Batalha.

Como a procura aos bilhetes foi grande e se venderam os que A Batalha possuía, as importâncias respectivas figurarão nas munições a publicar na devolução.

M. I — Folhetim de A BATALHA

24 de Setembro de 1922

ÉMILE ZOLA



No seu passeio sem destino, Lucas Fronment, ao sair de Beaucclair, tomara pela estrada de Brias que seguia a garanta por onde passa em torrente a ribeira da Mionne, entre os dois promontórios dos Montes Bleus. E ao chegar defronte do Abismo, nome que dão aqueles sítios à Fábrica de Aço Quirignon, avistou no ângulo da ponte de madeira, timidamente arrimados ao parapeito, dois pequenos vultos negros. Apertou-se-lhe o coração. Era uma mulher muito nova de aspecto, pobremente vestida, a cabeça meio oculta por um lenço de lã todo roto, com uma criança de cerca de seis anos, mal enrouada a face pálida, que se lhe agarava as saias. Ambas, de olhos fixos na parte da fábrica, esperavam inmóveis com a paciência sombria dos desesperados.

Lucas parou, olhando também.

Eram quase seis horas; o dia declinava, por aquela humida e lastimosa

pouco e pouco tinha dilatado o seu domínio. Pela côte dos telhados que se erguiam e prolongavam em todos os sentidos, adivinhavam-se as idades sucessivas das construções. Actualmente abrangia muitos hectares, ocupava um milhar de operários. As altas ardósias azuladas das grandes oficinas, de vidraças conjugadas, dominavam as velhas telhas enegrecidas das instalações primitivas, muito mais humildes. No cimo, viam-se estradas, dispositas em linhas os respiradouros gigantescos dos fornos de cimento, assim como a torre da temperatura, de vinte e quatro metros de altura, onde os grandes canhões, ao alto e dum arranha-céu, eram metidos num banho de óxido mineral. E ainda mais no cimo fumegavam as chaminés, as chaminés de todos os tanques, a mata que misturava as suas emanações de fuligem com a fuligem errante das nuvens, ruínas acumuladas dum parte e outra, a fábrica tendo sofrido imenso com a suspensão do trabalho, os operários semi-mortos de fome, no dobrado exasperado da sua impotência. Só na ante-ventura, na quinta-feira, é que o trabalho viu a continuar, após concessões reciprocas, furiosamente debatidas, e que suor da sua lida. Depois havia também o bater dos seus órgãos, os choques e os roncos produzidos pelo seu esforço, a trepidação das máquinas, a cadência clara dos martelos de forjar, as grandes pancadas ritmadas dos martelos pilões, ressoando como sinos, e com que a terra tremia. E, mais pertinho, a beira da estrada, no fundo dum pequeno edifício, uma espécie de subterrâneo onde o primeiro Quirignon

tinham forjado o ferro, ouvia-se a dança violenta e encarnizada de dois martinetes que batiam ali como se fôssem o próprio pulso do colosso, cujos fôrmas desbotada amarga de sofrimento. Mas que esbelto corpo de rapariga velho vestido usado! e com que braço tremulo e débil ela cingia as suas saias.

Não era só a carneira, nem uma lâmpada elétrica alumina ainda os pátnios.

Nenhuma luz brilhava nas janelas empoeiradas. Apenas uma chama intensa, saindo dumas das grandes oficinas por um portal escancarado, rompia a escuridão, num longo jacto d'água.

Na bruma crepuscular, arruinada e desesperante, que envolvia pouco a pouco o Abismo, nem uma lâmpada elétrica alumina ainda os pátnios.

Nenhuma luz brilhava nas janelas empoeiradas. Apenas uma chama intensa, saindo dumas das grandes oficinas por um portal escancarado, rompia a escuridão, num longo jacto d'água.

Deixava-se a estrada, dispositos em linhas os respiradouros gigantescos dos fornos de cimento, assim como a torre da temperatura, de vinte e quatro metros de altura, onde os grandes canhões, ao alto e dum arranha-céu, eram metidos num banho de óxido mineral. E ainda mais no cimo fumegavam as chaminés, as chaminés de todos os tanques, a mata que misturava as suas emanações de fuligem com a fuligem errante das nuvens, ruínas acumuladas dum parte e outra, a fábrica tendo sofrido imenso com a suspensão do trabalho, os operários semi-mortos de fome, no dobrado exasperado da sua impotência. Só na ante-ventura, na quinta-feira, é que o trabalho viu a continuar, após concessões reciprocas, furiosamente debatidas,

— Olha, se queres falá-lhe eu Talvez ele se não zangue tanto.

Mas a rapariga respondeu:

— Não, que isto não é brincadeira de crianças.

E puzeram-se outra vez a esperar, silenciosos, com o seu ar de resignação inquieta.

Lucas contemplava o Abismo.

Tinha-o visitado, por uma curiosidade d'homen do ofício, da primeira vez que estivera em Beaucclair, na primavera passada. E agora, nas poucas horas corridas depois que um inopinado apêlo, do seu amigo Jordan ali o fizera voltar, tinha obtido particularidades da horrora crise que a região acabava de atraísser: um terrível greve de dois meses, ruínas acumuladas dum parte e outra, entrítanto que os pequenos tubos de descarga lançavam, por intervalos regulares, os alvos flocos do seu resfogo estridente. Dir-se-ia a respiração do monstro, tanto a poeira como os vapores que dèle se exalavam sem cessar e lhes faziam uma nuvem contínua de suor da sua lida. Depois havia também o bater dos seus órgãos, os choques e os roncos produzidos pelo seu esforço, a trepidação das máquinas, a cadência clara dos martelos de forjar, as grandes pancadas ritmadas dos martelos pilões, ressoando como sinos, e com que a terra tremia. E, mais pertinho, a beira da estrada, no fundo dum pequeno edifício, uma espécie de subterrâneo onde o primeiro Quirignon

O autor da falta de água na cidade, o sr. Carlos Pereira, que foi pelo governo encarregado de a abastecer, cumpriu o seu dever... A prova disso está patente na falta de água dos últimos dias.

As subvenções

AUTOPSIA A UM DEPLORÁVEL ABORTO

A frase «conto do vigário» raras vezes terá conseguido melhor aplicação do que neste caso mítico das subvenções em que funcionários e assalariados do Estado andam empinhados e que mais enredado se val mostrando em cada dia que passa e em cada hora que vai soando no relógio burocrático do Terreiro do Paço. O assumido tem traído em si o estigma da fatalidade desde o último decreto n.º 7958 que deixou de ser respeitado por isso que as percentagens subvençónias não foram acompanhando as medidas de profilaxia económica-financiera. Olhos menos cégos pela proficiência procreadora dos autores dos dias da jovem subvenção, começaram a desfilar-lhe mazelas de origem, talvez hereditárias, e o oxigénio que a natureza parlamentar concedera para respiração daqueles pulmões infantis: esses 9.350 átomos, expressos em escudos, não chegaram para uma curta vida de sacrifício. Não tarda o reconhecimento de que a obra indefectível da deusa de S. Bento era afinal um deplorável aborto, descumprido na fealdade das feições. O bisturi da cirurgia contabilista retalia o corpo débil e desgarrido da criação e todos pasmaram em ódio pela paternidade. Mas, as juntas médicas sucedem-se, os opiniões sobre o tratamento diversificam-se, e fizesse constar que elas já quase estavam desabitados de mastigar. O parlamento soberano apressou a discussão dum projeto de lei, já em 2.º mão, mas, para que os seus deputados de competência não f

Ninguém tentou mesmo criticar a decisão que nós tomámos, tanto é que está conforme com a ideia essencial do movimento sindical revolucionário, à sua tarefa, ao seu fim.

Sem dúvida, no momento onde os sindicatos atravessam as dificuldades da cisão, não é bom falar da frente única, nemhuma dificuldade, portanto, deve embragar o revolucionário quando ele empreende realizar o que julgue importante, indispensável.

Dever-se-há ter em conta a situação: nenhuma luta económica, séria, é possível em França, enquanto os sindicatos paralelos não chegaram a um acordo. Mesmo onde vós dispõesdes da maioria dos operários organizados, seres vencidos, se não obtiverdes o concurso do sindicato reformista. Porquê isto? Porque as massas não organizadas — e em França a maioria dos operários está fora de toda a organização — na condição presente, unir-se-hão de preferência aos reformistas. E como o éxito da luta depende desta massa não organizada, os sindicatos revolucionários serão vencidos se não adoptarem a tática da frente única.

A frente única significa: Luta pela influência sobre as massas na ação comum. A frente única não é criada para uma colaboração de classes, — os reformistas tem a sua frente única não organizada mas para a oposição dumna classe a outra. Todos os operários querem conservar a jornada das oito horas; nenhum de entre elas consentirá em uma diminuição de salários.

Porque, então, não emprenderíeis vós a iniciativa de propor aos sindicatos paralelos, uma luta em comum, para o efeito de defender as posições adquiridas? Vós seríeis, dizais, obrigados a conversar com os reformistas? Mas quando vós fazíeis parte da C. G. T., conversáveis bem com elas? As conversas produzidas não olvidavam a ação de classe, e de todo o esforço em conjunto dos operários, para qualquer tendência a que pertencessem, tirando proveito únicamente os sindicatos.

E' preciso que cada operário saiba que vós sois pela unidade do movimento sindical, que se a unidade da C. G. T., foi destruída pela violência, não é vossa a culpa: a responsabilidade desse estado de coisas, cabe inteiramente a esses políticos reformistas, que preferem a "entente" com a burguesia a um acordo com os operários revolucionários.

assim. O Estado, por seu turno, fez-se comerciante e perdeu quantias fabulosas em todos os negócios em que se meteu e todas as leis promulgadas, ás centenas, contra os assanhaçadores, tem servido, unicamente, para enriquecer os mais e dum maneira assombrosa, originando o retrocesso da produção agrícola, especialmente dos legumes, do azeite e dos cereais panificáveis, porque o produtor, dono das terras, fartoissimo de ser roubado, incluiu com as reivindicações oficiais dos seus produtos, deixou-se de cultivos, já para se viver livre de freqüentes latrocínios, já porque reconheceu que, limitando a sua produção ao mínimo possível, não só aumentou o seu valor, como pode mais facilmente conseguirla ou ocultá-la, a fim de subtraí-la às consequências do manifesto obrigatório, o qual serviu sempre e muito bem para revelar a quantidade e o ponto da existência do artigo manifestado, tornando-se assim mais fácil a sua reunião que assumiu, por vezes, as proporções revoltantes duma extorsão à má cara e à mão armada, como bandidos de estrada não fariam tanto impunemente, nem de maneira tan audaciosa e violenta.

Foi assim que se comprou trigo para o Estado, com dinheiro do Estado posto à frente, pagando-se, por exemplo, a catorze vintens o quilo, facturando-o, porém, a desseste, isto é, por muito tempo e em milhares e milhares de quilos, para só referir ao dito cereal que ficou em grande parte pelo caminho para não haver alteração suposta mas ansiada da ordem pública nas diferentes localidades em que o deixaram sem que na maioria dos casos, se soubesse nunca mais do seu paradeiro nem da sua importância.

Por este e outros idênticos motivos é que o custo da vida chegou ao ponto pavoroso que todos sabem e mais ainda

Fala o Pessoal dos Correios e Telégrafos

Nota oficiosa

Os corpos dirigentes da Associação de Classe dos Empregados Menores dos Correios e Telégrafos reunidos expressamente para apreciar as novas reivindicações a conceder ao funcionalismo público, resolveram tomar todas as precauções contra qualquer eventualidade que possa surgir em prejuízo da respectiva classe, para o que já foram tomadas todas as disposições necessárias. Tendo a direção oficiada neste sentido

Os empregados menores vão reunir em assembleia magna

A fim de se poder apreciar a forma como tem sido e é interpretada a lei n.º 1.355 (subvenções) e em face de propósitos injustos que parece haver para com o pessoal menor, reúne-

Sindicato Único Metalúrgico.

Para acordarem na orientação a seguir no próximo Congresso Nacional Operário, reúnem amanhã, ás 20 horas, todos os delegados metalúrgicos.

Operários Alfaiates. — Reúnem amanhã, em assembleia geral, para continuação dos trabalhos pendentes da última assembleia.

Manufactores de Calçado de Lisboa. — Reúnem amanhã, em assembleia geral, este sindicato, pelas 21 horas, para apreciação das teses a apresentar aos Congressos Nacional e Corporativo.

Curtidores de Sola e Cabedais. — Reúnem hoje, pelas 19 horas, em assembleia geral, para continuação dos trabalhos referentes ao aumento de salário.

Sindicato Único Mobiliário. — Comissão de Melhoramentos. — Para

Tal é a significação da frente única. Nós não chegámos a compreender porque é que a C. G. T. Unitária pode estar oposta à frente única.

VII — A burguesia francesa e a Internacional Sindical Vermelha

Sob o ponto de vista da reacção internacional, a I. S. V. está designada com o mesmo título e o mesmo valor que Moscou, isto é, a revolução social. Eis aqui porque a burguesia francesa recela muito a vossa adesão a esta Internacional. Ela consideraria esta adesão, como gesto de solidariedade para com a revolução russa, — esta revolução de bandeirantes que despoujou dos seus milhões as honestas gentes de França.

Ouvide os usurários!

Toda a imprensa burguesa francesa sustenta uma campanha infatigável, contra os "ouvases" que podem vir de Moscou; ela reclama independência das organizações operárias de França. Os pagindos da rua Lafayette, marcam passo atrás desta imprensa. Também eles temos seus discursos e nos seus artigos, proclamam a independência do movimento operário francês, e a necessidade de opor uma firme resistência aos "ditadores moscovitas". Julguis vós que elas procedem assim por acaso?

Não! E' tão natural e normal que as coisas se passem assim.

A burguesia francesa conhece perfeitamente o perigo que representa para ela, uma Internacional que se apoia sobre a experiência da Revolução. A burguesia recela muito uma associação internacional, que conta nas suas fileiras um proletariado experimentado, acostumado a lutar contra o mundo burguês. Se a burguesia francesa multiplicar os seus ataques contra os "ditadores e os bandeirantes de Moscou", é porque os "soi-disant" bandeirantes tem dirigido a ditadura contra a burguesia, pois adesapossou das suas terras, das suas fábricas, das suas oficinas e dos seus bancos. Os reformistas que trabalham para os seus senhores, na qualidade de "criada para todo o serviço", retomam, modificando-as ligeiramente para uso dos operários, as suas altas lições de moral que inspiram a "democracia francesa", na sua luta contra a barbarie moscovita. O odio furioso que se manifesta a nosso respeito, prova que nós somos uma força temível, em face do Capital. Este odio deve igualmente servir, para vos lembrar, que os

O SINDICALISMO EM MARCHA

1.º Congresso da C. G. T. Unitária

realizado em Saint-Etienne de 26 de Junho a 1 de Julho

(CONCLUSÃO)

operários revolucionários não tem nenhuma razão para satisfazer a sua burguesia, tomado posição contra Moscou. A I. S. V. não experimenta a menor dúvida, em afirmar que das nossas discussões amigáveis, das nossas conversas de camaradas, os nossos inimigos não tiraram — nenhum proveito no futuro, como eles fizeram no passado, quando certos dirigentes da C. G. T. U. quiziram entregar-se a manifestações hostis à respecto da Revolução Russa e do governo dos soviéticos.

Ela está convencida que a classe operária francesa, saberá defender-se contra uma monstruosa frente única, que erguerá contra a Rússia soviética, com toda a burguesia, uma seita filosófica que afirma ser revolucionária.

Conclusões

Em conclusão, nós queríamos chamar a vossa atenção sobre este facto: que até agora ignoramos a atitude tomada pela C. G. T. U. a respeito do programa de ação que elaborou o primeiro Congresso internacional. Ora, este programa, é o fruto da experiência revolucionária de todos os países.

Como explicar, pois, que os sindicatos revolucionários e os bandeirantes de Moscou, é porque os "soi-disant" bandeirantes tem dirigido a ditadura contra a burguesia, pois adesapossou das suas terras, das suas fábricas, das suas oficinas e dos seus bancos. Os reformistas que trabalham para os seus senhores, na qualidade de "criada para todo o serviço", retomam, modificando-as ligeiramente para uso dos operários, as suas altas lições de moral que inspiram a "democracia francesa", na sua luta contra a barbarie moscovita. O odio furioso que se manifesta a nosso respeito, prova que nós somos uma força temível, em face do Capital. Este odio deve igualmente servir, para vos lembrar, que os

e muito mais se elevará em pouco tempo porque o Estado, apesar das lições amargas e despidosas que tem recebido, ainda não perdeu a triste mania de ser negociante, sem saber negociar nem poder juntar aperfeiçoar esse ofício.

Dai as permanentes e jutificadas reivindicações de aumento de ordenado, duma banda e outra.

Dai as greves consecutivas.

Dai o vergonhoso gachis, em que se afunda o nosso povo, a classe média e a própria nacionalidade.

Dai o circo vicioso que compre e asfixia toda a população do país, militares e civis, exceptuando os fariseus colocados da banda de fora e que o apartam até ao esmagamento, em massa, dos que se encontram dentro d'ele, compreendendo os altos representantes do Estado que é como quem diz os governantes que nem o menos podem nem accão para remediar o que bem poderiam evitar se a disciplina moral e aos interesses mais sagrados e respeitáveis da nação não sobrepondessem a disciplina e os interesses do seu partido.

Tento dito por agora, afirmando que muito aclama da República ou da Monarquia está à Nação no meu conceito, como eu estou aqui no pleno exercício do meu direito de livre crítica a todos os actos de administração pública do meu país sem abdicar do outro meu direito de muito humilde jornalista que me prezo de ser, ainda mesmo que esta minha atitude me obrigue a prestar contas ao Diabo do mal que outros tem feito impunemente à comunidade, sem que Deus lhes tenha dado até agora o justo castigo que merecem e há de ter da sua própria mão, por um princípio de justiça emanante contra a qual os homens e as suas convenções não tem o mínimo poder.

A Comissão de Melhoramentos.

Metalúrgicos da firma José Maria Peres

Pela demora que vai tendo a solução deste incidente, os operários estão a ver que quando o sr. Pires vier das Caldas da Rainha, terão elas que ir para aquelas termas, a fim de se tratarem do calo da paciência que elas tem criado...

O facto é que continuam as duas oficinas fechadas por temosia do patrão e os operários continuam firmes na sua disposição de só darem azo à sua abertura quando os seus camaradas injustamente despedidos, despedidos.

Deslumbrantíssimo aspecto

Preços populares

GERAL \$60

delegação ao Congresso, quizesseis publicar as decisões. Em rigor, teríamos podido fazer esta publicação, juntando-lhe um prefácio, no qual declararíamos a vossa não aceitação de duas aulas dum só resolução; no entanto deveríeis informar os vossos camaradas,

movimento sindicalista. Deveríeis a sua adesão a este método, assim como o seu grupo de jovens cultos e de ação, do qual fazem parte Colmer, Lecoin, Veber, etc.

Preguntai a Sebastião Faure as suas impressões sobre o Congresso.

A minha impressão é de tristeza, mas sem desânimo. Tristeza que me inspiro a introdução manifesta, certamente, cega, das manobras politizantes no movimento especificamente operário.

Se desânimo, porque conservo a firme convicção, ou melhor a certeza, do que num futuro muito, próximo o verdadeiro sindicalismo, momentaneamente batido, mas não vencido, se desembocará dos elementos dirigentes aos quais aprovarei a moção neocomunista.

Sejam quais forem as decisões que adoptardes, os interesses da Revolução mundial. Recebei pois as nossas mais calorosas saudações fraternalas. E ficai certos que, a atitude que escolherdes a respeito da I. S. V., não nos impedirá de convosco nos encontrarmos, com a maior alegria, na nova unitária. Os primeiros estão ligados a Amsterdão, os segundos a Moscou. Uns e outros sofrerão instabilidade, e as sacudidelas, que são uma consequência fatal dos partidos políticos, e que reduzem estes partidos à impotência no dia seguinte ao da revolução.

— Come explicar esta vitória comunista?

Há já de alguns meses que o partido comunista, por meio dos representantes que têm nos sindicatos, se entregou a uma propaganda activíssima. Tendo à sua disposição homens, recursos financeiros, jornais e partidários, o partido comunista, beneficiando do apoio de muitas seções organizadas na província, tem favorecido a criação de certo número de sindicatos de importância muito insignificante. Ao contrário, a direcção provisória e a comissão da C. G. T. Unitária, absorvida pela necessidade do recrutamento e da reorganização dos sindicatos unitários, sem despresar a propaganda puramente sindicalista, não puderam consagrara outra tanta actividade ao trabalho de orientação de tendências.

Se junta a tudo isto as pequenas manobras exercidas sobre os membros do partido comunista, é fácil concluir que o voto da moção Monmousset não reflete exactamente o sentimento dos sindicatos.

Prevejo, como consequência destas influências externas, actuando na vida operária, uma série de desvios para a direita, que transformarão pouco a pouco em abismo o largo e profundo fosso, que separa a fração comunista, de que é deputado o novo ministro dos sindicatos propriamente ditos.

E de duas coisas uma: ou a ação da nova maioria se aproxima cada vez mais daquela, isto é, conforme à verdade. Exemplificarei noutra carta — se desejardes — vantagens (a medida tem o seu verso) que admirarão para o sindicalismo revolucionário e libertário francês, desta "coca" e equívoco vitória obtida pelo comunismo ditatorial em Saint Etienne com o auxílio do... Cavallo de Troia de Moumousset...

— Qual é a força do sindicalismo na França?

O sindicalismo na França foi sempre débil. Não agrupou nunca efectivos consideráveis. A scisão, e ainda mais a asperça das lutas intestinas, que a tornaram inevitável, têm diminuído notavelmente estes efectivos. A proporção dos sindicatos em França é muito pequena; a do sindicalismo (pois que há entre os sindicais e os sindicatos uma distinção sobre a qual creio não devem insistir), é ainda menor. E' doloroso, mas esta observação não pode desmentir os amigos do sindicalismo.

O pequeno número é uma causa de fraqueza, certamente; mas pode também ser um manancial de forças, no caso em que o pulso dos militantes sindicalistas compense a fraqueza numérica com uma mais ardente, metódica e persistente actividade.

— Que previsões fazes sobre as consequências desta votação?

Graves podem ser, muito graves serão, as consequências deste congresso. Os trabalhadores organizados de França encontram-se uns associados na velha Confederação, outros associados no sindicato batido, mas não vencido, se desembocarão dos elementos dirigentes aos quais aprovarei a moção neocomunista.

Estas palavras podem considerar-se como a opinião de todos os militantes e congressistas das várias tendências que constituem no congresso a antiga sindicalista autonomista-federalista. Falarmo-me do mesmo modo, depois da votação, que deu a vitória aos comunistas, Totti, Besnard, Labrusse, Caudeau e também não poucos comunistas inscritos no partido, que não estão dispostos a sacrificar-lhe a independência do seu movimento sindical.

Não quiz mandar-vos as minhas impressões antes que o vosso correspondente de Paris tivesse dito a sua opinião ainda que, bem entendido, não tivesse razões para supô-la diversa da minha, isto é, conforme à verdade. Exemplificarei noutra carta — se desejardes — vantagens (a medida tem o seu verso) que admirarão para o sindicalismo revolucionário e libertário francês, desta "coca" e equívoco vitória obtida pelo comunismo ditatorial em Saint Etienne com o auxílio do... Cavallo de Troia de Moumousset...

Armando BORGHI

Milão, 7 de Julho de 1922.

(Da "Umanità Nova" de 11 de Julho de 1922.)

0 que diz Sebastião Faure a Armando Borghi

Em Saint-Etienne voltei a ver após dez anos Sebastião Faure. Envelhecido, mas não de espírito, ele segue com entusiasmo juvenil o desenvolvimento do

movimento sindicalista.

SAÚDE ao proletariado revolucionário!

Viva a Revolução proletariana mundial!

Viva a Internacional Sindical Vermelha!

Bureau Executivo da Internacional Vermelha dos Sindicatos.

Moscou, 10 de Junho de 1922.

Depois do Congresso

0 que diz Sebastião Faure a Armando Borghi

Em Saint-Etienne voltei a ver após dez anos Sebastião Faure. Envelhecido, mas não de espírito, ele segue com entusiasmo juvenil o desenvolvimento do

movimento sindicalista.

SEÇÃO INSTRUTIVA

Brevíssimas noções de matemática

Uma longa doença e consecuentes atraçalhações em serviços atraídos forçaram-me a interromper este trabalho. A bondade do meu único leitor, relevam-me à falta involuntária.

Digo «meu único leitor» porque a matéria destes artigos, já de si privada de encantos, é por mim tratada por forma que não prima pela elegância... o que é razão bastante para as boas vontades de me lerem fugirem e portanto os poucos leitores curiosos destas ciências baterem canelas horrorizadas.

Mas como em tudo há sempre um desgraçado que se resigna ao martírio, é para esse desgraçado, meu fiel companheiro neste viagem sensaborona pelas algidas regiões da matemática... tam fria, mas positiva; tam feia e tristonha mas sádia e verdadeira; tam difícil e escabrosa mas de soberana utilidade; é para esse desgraçado, digo eu, é para esse exemplo vivo de «coragem e abnegação» (está-me lembrando uma poesia com este título) que minha juventude publicei porque, saiba-o o leitor, eu também fui jovem... e... poeta! Todos os jovens são poetas... E da praxe...) pois é para esse corajoso e dedicado companheiro, que eu endereço as minhas desculpas pela minha longa ausência desta secção.

Isto posto, entremos novamente na matéria.

Numeração falada e escrita: Os números expressam-se por nomes e por sinais. Assim: um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, etc., são os nomes dos números inteiros (*numeración fala da*): 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, etc., os respectivos sinais que os representam ou algarismos (*númeración escrita*).

A série dos números inteiros é infinita: Como os números, conforme se viu anteriormente, só ou uma unidade ou uma coleção de unidades, elas formam-se juntando a uma unidade (*um*) outra unidade, ficando duas unidades (*dois*); a estas duas, uma terceira ficando três unidades (*tres*); a estas três, uma quarta ficando quatro unidades (*quatro*) etc., etc., sempre com a adição duma nova unidade. Por muito grande que seja, portanto, esta coleção ou este número, sempre obteremos um outro número maior que simples adição duma só unidade ao último número obtido. Logo não podemos marcar limite à série dos números.

Por isso se diz que essa série é infinita.

Dezena: A coleção de dez unidades simples considera-se uma nova unidade a que se dá o nome de dezena. Reúnindo as dezenas como fizemos com as unidades simples, produziremos uma outra série semelhante à das unidades simples: assim diremos: uma dezena, duas dezenas, três dezenas, etc.

E claro que uma dezena sendo a coleção de dez unidades simples, duas dezenas são vinte dessas unidades; três dezenas, trinta; quatro dezenas, quarenta; etc.

A unidade simples, por exemplo: um-pão, uma laranja, um metro, um bocado de pão, etc., diz-se também unidade de primeira ordem.

Dez unidades da primeira ordem, como quem diz por exemplo dez pães, dez laranjas, dez metros, dez bocados de pão, formam a dezena ou unidade de segunda ordem.

Centena: Ajuntando dez dezenas, forma-se uma nova coleção que se chama centena a qual, evidentemente, contém cem unidades de primeira ordem.

Uma centena de pães ou de laranjas contém, pois, cem pães ou cem laranjas.

Milhar: Procedendo com as centenas como praticámos com as dezenas, poderemos, juntando centena a centona, obter uma coleção de dez centenas que se chama milhar.

O milhar é considerado como uma unidade de quarta ordem, como a dezena é tida como unidade de terceira ordem.

Contamos por milhares como contamos por unidades simples, por dezenas ou por centenas, dizemos um milhar, dois milhares, três milhares ou como valgarmente se diz: mil, dois mil, três mil, etc.

Milhão: Empregando o mesmo processo usado para com as centenas, nós juntando milhar a milhar, chegaremos a reunir dez milhares ou uma dezena de milhares, dez dezenas de milhares

ou uma centena de milhares; dez centenas de milhares ou um milhar de milhares isto é: mil milhares. Esta coleção de mil milhares, tem o nome de milhão.

E contamos por milhões como contamos por unidades e diremos: um milhão, dois milhões, três milhões, etc.

Bilião. É a coleção de mil milhões.

Trilião: Este nome aplica-se a contagem de mil bilhões.

Quartilião, Quintilião: São respectivamente os nomes das coleções de mil triliões e de mil quadriliões.

O sextilião, o heptilião, o octilião, o nonilião, são outras tantas coleções contendo cada uma mil unidades da coleção imediatamente inferior.

Classes: A unidade simples chama-se também unidade de primeira classe; o milhar, unidade de segunda classe; o milhão, unidade de terceira classe; o bilhão, unidade de quarta classe e assim por diante.

Entre duzentos e trezentos há também toda uma série de noventa e nove números: chegaremos, pois, a duzentos e noventa e nove que com mais uma unidade, completa a coleção de trezentos.

Entre trezentos e quatrocentos há igualmente uma série de noventa e nove números e o mesmo sucede entre quatrocentos e quinhentos e assim até ao milhar ou mil.

Entre mil e dois mil há ainda uma grande série de novacentos noventa e nove números, contando mil e um, mil e dois, etc., etc., até chegarmos a mil-novecentos e noventa e nove que para passarem a dois mil só lhes falta adicionar uma unidade. De dois mil se passa a tres mil pelo mesmo processo; e semelhantemente a quarto mil, cinco mil, etc., etc., até novecentos noventa e nove mil novecentos e noventa e nove. Que nos falta para o milhão? adicionarmos aos novecentos noventa e nove milhares novecentas noventa e nove unidades uma só unidade. Produzido o milhão, o processo que nos serviu até aqui, servir-nos-á para passarmos ao bilhão, ao trilião, etc.

E o que garantimos ao paciente leitor é que, se a série dos números inteiros é infinita, a nossa faculdade de percepção é que não é.

Adicionando unidade a unidade, chegaremos a produzir uma tal montanha de números que pela sua enormidade já não encontramos no nosso vocabulário expressão bastante; e a nossa compreensão já não a abrange, pois que tanto peso lhe fará a montanha de milhares de unidades, por exemplo, como a de nove mil triliões de vezes maior...

Possessendo na adição, obtemos vinte e um, vinte e dois, etc., etc., até chegarmos a trinta ou três dezenas; e semelhantemente teremos trinta e um, trinta e dois, etc., etc., e assim sucessivamente chegamos à coleção noventa e nove; que já juntando a uma unidade, alcançamos a centena ou cem.

E até à primeira vez.

Continuando no mesmo processo, iremos acrescentando a cem ou cento, unidade a unidade e iremos portanto produzindo novos números: cento e um, cento e dois, cento e três, etc., etc.; cento e dez, cento e onze, cento e treze, etc., etc., cento e vinte, cento e vinte e um, cento e vinte e dois, etc., etc., e semelhantemente centro e trinta, centro e trinta e um, cento e quarenta, cento e cincuenta, etc., etc., até chegarmos a cento e noventa e nove, que juntos a uma unidade preparamos duzentos ou dois centos.

Entre duzentos e trezentos há, igualmente, uma série de noventa e nove números: chegaremos, pois, a duzentos e noventa e nove que com mais uma unidade, completa a coleção de trezentos.

Entre trezentos e quatrocentos há igualmente uma série de noventa e nove números e o mesmo sucede entre quatrocentos e quinhentos e assim por diante.

Entre quatrocentos e quinhentos há igualmente uma série de noventa e nove números e o mesmo sucede entre quinhentos e seiscentos e assim por diante.

Entre seiscentos e setecentos há igualmente uma série de noventa e nove números e o mesmo sucede entre setecentos e oitocentos e assim por diante.

Entre oitocentos e novecentos há igualmente uma série de noventa e nove números e o mesmo sucede entre novecentos e mil e assim por diante.

Entre mil e milhão há igualmente uma série de novacentos noventa e nove números, contando mil e um, mil e dois, etc., etc., até chegarmos a mil-novecentos e noventa e nove que para passarem a dois mil só lhes falta adicionar uma unidade. De dois mil se passa a tres mil pelo mesmo processo; e semelhantemente a quarto mil, cinco mil, etc., etc., até novecentos noventa e nove mil novecentos e noventa e nove. Que nos falta para o milhão? adicionarmos aos novecentos noventa e nove milhares novecentas noventa e nove unidades uma só unidade. Produzido o milhão, o processo que nos serviu até aqui, servir-nos-á para passarmos ao bilhão, ao trilião, etc.

E o que garantimos ao paciente leitor é que, se a série dos números inteiros é infinita, a nossa faculdade de percepção é que não é.

Adicionando unidade a unidade, chegaremos a produzir uma tal montanha de números que pela sua enormidade já não encontramos no nosso vocabulário expressão bastante; e a nossa compreensão já não a abrange, pois que tanto peso lhe fará a montanha de milhares de unidades, por exemplo, como a de nove mil triliões de vezes maior...

Possessendo na adição, obtemos vinte e um, vinte e dois, etc., etc., até chegarmos a trinta ou três dezenas; e semelhantemente teremos trinta e um, trinta e dois, etc., etc., e assim sucessivamente chegamos à coleção noventa e nove; que já juntando a uma unidade, alcançamos a centena ou cem.

E até à primeira vez.

José Carlos de SOUSA.

Continuando no mesmo processo, iremos acrescentando a cem ou cento, unidade a unidade e iremos portanto produzindo novos números: cento e um, cento e dois, cento e três, etc., etc.; cento e dez, cento e onze, cento e treze, etc., etc., cento e vinte, cento e vinte e um, cento e vinte e dois, etc., etc., e semelhantemente centro e trinta, centro e trinta e um, cento e quarenta, cento e cincuenta, etc., etc., até chegarmos a cento e noventa e nove, que juntos a uma unidade preparamos duzentos ou dois centos.

Entre duzentos e trezentos há, igualmente, uma série de noventa e nove números: chegaremos, pois, a duzentos e noventa e nove que com mais uma unidade, completa a coleção de trezentos.

Entre trezentos e quatrocentos há igualmente uma série de noventa e nove números e o mesmo sucede entre quatrocentos e quinhentos e assim por diante.

Entre quinhentos e seiscentos há igualmente uma série de noventa e nove números e o mesmo sucede entre setecentos e oitocentos e assim por diante.

Entre oitocentos e novecentos há igualmente uma série de noventa e nove números e o mesmo sucede entre novecentos e mil e assim por diante.

Entre mil e milhão há igualmente uma série de novacentos noventa e nove números, contando mil e um, mil e dois, etc., etc., até chegarmos a mil-novecentos e noventa e nove que para passarem a dois mil só lhes falta adicionar uma unidade. De dois mil se passa a tres mil pelo mesmo processo; e semelhantemente a quarto mil, cinco mil, etc., etc., até novecentos noventa e nove milhares novecentas noventa e nove unidades uma só unidade. Produzido o milhão, o processo que nos serviu até aqui, servir-nos-á para passarmos ao bilhão, ao trilião, etc.

E o que garantimos ao paciente leitor é que, se a série dos números inteiros é infinita, a nossa faculdade de percepção é que não é.

Adicionando unidade a unidade, chegaremos a produzir uma tal montanha de números que pela sua enormidade já não encontramos no nosso vocabulário expressão bastante; e a nossa compreensão já não a abrange, pois que tanto peso lhe fará a montanha de milhares de unidades, por exemplo, como a de nove mil triliões de vezes maior...

Possessendo na adição, obtemos vinte e um, vinte e dois, etc., etc., até chegarmos a trinta ou três dezenas; e semelhantemente teremos trinta e um, trinta e dois, etc., etc., e assim sucessivamente chegamos à coleção noventa e nove; que já juntando a uma unidade, alcançamos a centena ou cem.

E até à primeira vez.

José Carlos de SOUSA.

Continuando no mesmo processo, iremos acrescentando a cem ou cento, unidade a unidade e iremos portanto produzindo novos números: cento e um, cento e dois, cento e três, etc., etc.; cento e dez, cento e onze, cento e treze, etc., etc., cento e vinte, cento e vinte e um, cento e vinte e dois, etc., etc., e semelhantemente centro e trinta, centro e trinta e um, cento e quarenta, cento e cincuenta, etc., etc., até chegarmos a cento e noventa e nove, que juntos a uma unidade preparamos duzentos ou dois centos.

Entre duzentos e trezentos há, igualmente, uma série de noventa e nove números: chegaremos, pois, a duzentos e noventa e nove que com mais uma unidade, completa a coleção de trezentos.

Entre trezentos e quatrocentos há igualmente uma série de noventa e nove números e o mesmo sucede entre quatrocentos e quinhentos e assim por diante.

Entre quinhentos e seiscentos há igualmente uma série de noventa e nove números e o mesmo sucede entre setecentos e oitocentos e assim por diante.

Entre oitocentos e novecentos há igualmente uma série de noventa e nove números e o mesmo sucede entre novecentos e mil e assim por diante.

Entre mil e milhão há igualmente uma série de novacentos noventa e nove números, contando mil e um, mil e dois, etc., etc., até chegarmos a mil-novecentos e noventa e nove que para passarem a dois mil só lhes falta adicionar uma unidade. De dois mil se passa a tres mil pelo mesmo processo; e semelhantemente a quarto mil, cinco mil, etc., etc., até novecentos noventa e nove milhares novecentas noventa e nove unidades uma só unidade. Produzido o milhão, o processo que nos serviu até aqui, servir-nos-á para passarmos ao bilhão, ao trilião, etc.

E o que garantimos ao paciente leitor é que, se a série dos números inteiros é infinita, a nossa faculdade de percepção é que não é.

Adicionando unidade a unidade, chegaremos a produzir uma tal montanha de números que pela sua enormidade já não encontramos no nosso vocabulário expressão bastante; e a nossa compreensão já não a abrange, pois que tanto peso lhe fará a montanha de milhares de unidades, por exemplo, como a de nove mil triliões de vezes maior...

Possessando na adição, obtemos vinte e um, vinte e dois, etc., etc., até chegarmos a trinta ou três dezenas; e semelhantemente teremos trinta e um, trinta e dois, etc., etc., e assim sucessivamente chegamos à coleção noventa e nove; que já juntando a uma unidade, alcançamos a centena ou cem.

E até à primeira vez.

José Carlos de SOUSA.

Continuando no mesmo processo, iremos acrescentando a cem ou cento, unidade a unidade e iremos portanto produzindo novos números: cento e um, cento e dois, cento e três, etc., etc.; cento e dez, cento e onze, cento e treze, etc., etc., cento e vinte, cento e vinte e um, cento e vinte e dois, etc., etc., e semelhantemente centro e trinta, centro e trinta e um, cento e quarenta, cento e cincuenta, etc., etc., até chegarmos a cento e noventa e nove, que juntos a uma unidade preparamos duzentos ou dois centos.

Entre duzentos e trezentos há, igualmente, uma série de noventa e nove números: chegaremos, pois, a duzentos e noventa e nove que com mais uma unidade, completa a coleção de trezentos.

Entre trezentos e quatrocentos há igualmente uma série de noventa e nove números e o mesmo sucede entre quatrocentos e quinhentos e assim por diante.

Entre quinhentos e seiscentos há igualmente uma série de noventa e nove números e o mesmo sucede entre setecentos e oitocentos e assim por diante.

Entre oitocentos e novecentos há igualmente uma série de noventa e nove números e o mesmo sucede entre novecentos e mil e assim por diante.

Entre mil e milhão há igualmente uma série de novacentos noventa e nove números, contando mil e um, mil e dois, etc., etc., até chegarmos a mil-novecentos e noventa e nove que para passarem a dois mil só lhes falta adicionar uma unidade. De dois mil se passa a tres mil pelo mesmo processo; e semelhantemente a quarto mil, cinco mil, etc., etc., até novecentos noventa e nove milhares novecentas noventa e nove unidades uma só unidade. Produzido o milhão, o processo que nos serviu até aqui, servir-nos-á para passarmos ao bilhão, ao trilião, etc.

E o que garantimos ao paciente leitor é que, se a série dos números inteiros é infinita, a nossa faculdade de percepção é que não é.

Adicionando unidade a unidade, chegaremos a produzir uma tal montanha de números que pela sua enormidade já não encontramos no nosso vocabulário expressão bastante; e a nossa compreensão já não a abrange, pois que tanto peso lhe fará a montanha de milhares de unidades, por exemplo, como a de nove mil triliões de vezes maior...

Possessando na adição, obtemos vinte e um, vinte e dois, etc., etc., até chegarmos a trinta ou três dezenas; e semelhantemente teremos trinta e um, trinta e dois, etc., etc., e assim sucessivamente chegamos à coleção noventa e nove; que já juntando a uma unidade, alcançamos a centena ou cem.

E até à primeira vez.

José Carlos de SOUSA.

Continuando no mesmo processo, iremos acrescentando a cem ou cento, unidade a

PURGAÇÕES

Por mais antigas e rebeldes que sejam, curam-se rapidamente, sem uso de injeções, tomando o verdadeiro específico

SANDANITOL

O seu uso pode ser secreto porque as urinas não mudam de cor nem de cheiro **10\$00**

VENDEM:

FARMÁCIA ESTACIO, Rossio, 63. — FARMÁCIA INTERNACIONAL, Rua do Ouro, 228. — UNIÃO COMERCIAL DE DROGAS, Rua Augusta, 180. — FARMÁCIA CASTRO, Avenida Almirante Reis, 76. — FARMÁCIA CONCEIÇÃO, Calçada de D. Gastão, 23, (Xabregas) — FARMÁCIA DE PEDROUÇOS, Rua de Pedroouços, 114.

Depósito geral Farmácia Castro, Sucessor Rua de S. Bento, 199-199, A LISBOA

LANIFICIOS

Vendem fazendas directamente ao consumidor

MOSA & ROMÃO

COVILHÃ

Enviam-se amostras

GRANDE ECONOMIA

EPOCA AGRICOLA DE 1922

Seguros de Incêndio de Searas

A MUNDIAL, devido a um acordo com um poderoso grupo de companhias estrangeiras COBRA MENOS DE METADE DOS PREMIOS até aqui estabelecidos nos seguros de cereais e paixões. ALEM DISSO, "A MUNDIAL" NADA COBRA a título de ENCARGOS ou CONTRIBUIÇÕES pois que estas são por ela integralmente pagas.



A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS
Capital inteiramente realizado 500:000\$00
RESERVAS: 749:051\$60,9

SEDE EM LISBOA DELEGAÇÃO NO PORTO
Rua Garrett, 95 — Tel. 4084 R. Sá da Bandeira, 331, 1º

Calçado barato só o vende

o CANDEIAS

(INTENDENTE de frente do chafariz)

Sapatos em calçado para senhora 14\$50
• • preto de 1.º 26\$00
• vitela, salto raso 23\$00
• verniz, salto sola 30\$00
Botas em vitela preta para senhora 28\$00
Botas em vitela nacional para homem 29\$00
Botas em calçado preto, 2 solas, 1.º 35\$00
Botas "double" gásia, para homem 38\$00
Botas em vitela branca, forradas de carneira 24\$00

Visitai as nossas novas secções de fanqueiro, retrozeiro, modas, camisaria e rouparia, o que vendemos a preços extraordinariamente baratos.

Ao Candeias! Ao Candeias!

REUMATISMO

SIFILITICO
BLENORAGICO
GOTOSO
ARTICULAR
ARTRITICO
MUSCULAR

Cura-se com o notável específico

«REUMATISMO»
Frasco 6\$00 — Pedidos ao depósito geral A. Costa Coelho — Bomjardim, 440 — PORTO.

A administração de A Batalha acaba de adquirir para venda, alguns volumes das seguintes obras:

Na linha de fogo, por Manuel Ribeiro	\$80	A verdade acerca da revolução russa..... \$80
A Rússia bolxevista, por Antonelli	\$820	Cristo nunca existiu... \$60
Na prisão (Gorki),.....	\$80	Monarquia jesuítica... \$80
		O abortamento \$80

O BRIC A' BRAC DE ALCANTARA

JOSÉ JOAQUIM NICOLAU VERISSIMO
37 — RUA DE ALCANTARA — 37
LISBOA

COMPRA, VENDE E TROCA MOVEIS NOVOS E USADOS e diferentes objectos

Venda por grosso de lenhas e carvão — Lenha a retalho para fogão a 90 réis o quilo e a 100 réis posta em casa do freguês

Biblioteca de instrução profissional

LIVROS ESCOLARES BROCHADOS

Algebra 4.00 Geometria 3.50
Aritmética 4.00 Curso Portug. 2.50
Desenho leitor 2.50 Mecânica 2.50
Física 2.50 Química 3.50

ELEMENTOS GERAIS (encadernados)

Algebra elementar 5.50
Aritmética prática 5.50

Desenho leitor geométrico 4.00

Elementos de física 4.00

— modelação ornato e figura 4.00

— processos 6.00

— química 5.00

Geometria plana e no espaço 4.00

MECANICA

Desenho de máquinas 10.00

Material agrícola 4.50

Nomenclatura de caldeiras e máquinas de vapor 4.50

Problema de máquinas 6.00

CONSTRUÇÃO CIVIL

Acabamentos de construções 5.00

Alvenaria e cantaria 4.50

Edificações 4.50

Encanamentos e salubridade das habitações 4.50

Materiais de construção 6.00

Terraplenagem e alicerces 4.00

Trabalhos de carpintaria civil 5.00

— serraria civil 5.00

CONSTRUÇÃO NAVAL

Construção naval, materiais de construção 4.00

Construção de navios de ferro 4.00

Acessórios de navios de ferro 4.00

DIVERSAS INDÚSTRIAS

Indústria alimentar 4.00

— cerâmica 4.00

MANUAIS DE OFÍCIOS

Condutor de máquinas 5.00

Electricista 6.00

Fabricante de tecidos 4.00

Feirreiro 4.00

Fogueiro 4.50

Formador e estucador 4.00

Fundidor 4.50

Galvanoplastia 5.00

Motores de explosão 6.50

Pilotagem 5.00

ESCRITURAÇÃO COMERCIAL

Escrivatura comercial-industrial 4.00

Escrivatura e contabilidade comercial 8.00

Manual prático de correspondência comercial 6.00

DICIONÁRIOS

Dicionário da língua portuguesa 6.00

— sinônimos da língua portuguesa 6.00

— prático francês-português 20.00

— português-ingles e inglês-português 12.00

Desde que lhe sejam enviada a importância respectiva acrescida demais 10% para as despesas do porte e registo a administração de A Batalha enviará qualquer das obras anunciadas.

Tabacaria A NACIONAL

— DE —

MARQUES & MARQUES

Tabacos nacionais e estrangeiros, jornais, figurinos, postais ilustrados, livros, artigos de papelaria, selos, papel selado, artigos para fumadores

LOTERIAS

Aguas, cervejas e refrescos

38, Rua da Mouraria, 38-A

LISBOA

actualmente

Largo Rodrigues de Freitas, 33

(em frente do chafariz)

Camaradas

Vão comprar o vosso calçado e mandem concerto na rua Arco Marquês de Alvear

60 e 62 1.º, pois é um antigo operário que não vos explora.

Vão ver! Vão ver!

AGUA AMARELA

Mata todos os parasitas da cabeça e corpo, destroea lendeas e limpa a caspa. Não suja a roupa nem estraga o cabelo.

PREÇO 2\$00 — PELO CORREIO 2\$50

DEPÓSITO GERAL: FARMÁCIA SIMÕES

Rua Infante D. Henrique, 54, (vulgo S. Tomé) — LISBOA

O Congresso Internacional Sindical Vermelho

Relatório do delegado dos I. W. W. (Trabalhadores Industriais do Mundo)

América do Norte, ao Congresso constitutivo da Internacional Sindical Vermelha.

Preço 50 centavos

Pelo correio 55 centavos

Relatório do delegado dos I. W. W. (Trabalhadores Industriais do Mundo)

América do Norte, ao Congresso constitutivo da Internacional Sindical Vermelha.

Preço 50 centavos

Pelo correio 55 centavos

O grande Baixa de Calçado

a Sapataria Social Operária

Sapatos em calçado para senhora 14\$50

• • preto de 1.º 26\$00

• vitela, salto raso 23\$00

• verniz, salto sola 30\$00

Botas em vitela preta para senhora 28\$00

Botas em vitela nacional para homem 29\$00

Botas em calçado preto, 2 solas, 1.º 35\$00

Botas "double" gásia, para homem 38\$00

Botas em vitela branca, forradas de carneira 24\$00

Visitai as nossas novas secções de fanqueiro, retrozeiro, modas, camisaria e rouparia, o que vendemos a preços extraordinariamente baratos.

Ao Candeias! Ao Candeias!

Na prisão (Gorki),.....
 \$80 | O abortamento \$80 |

| |

| |

| |

| |

| |

| |

| |

| |

| |